

ENTRE NÓS, BRUXAS TODAS

INICIATIVAS E REFLEXÕES ENTRE AFRODESCENDENTES,
INDÍGENAS, MULHERES, BEIJA-FLORES.



Panamá, novembro, 2021

NOMES PARTICIPANTES

María Betânia Mota de Jesús

Secretária Geral do Mov. de Mulheres Indígenas/RR-CIR
mariabetaniamota2224@gmail.com

Paola Yañez Inofuentes

Coordenadora Geral da Rede de Mulheres Afro-latinoamericanas, Afro-caribenhas e da Diáspora - RMAAD
paolinyaez@gmail.com

Mireya Peart Vasquez

Coordenadora da Região da América Central da Rede de mulheres Afro-latinoamericanas, Afrocaribenhas e da Diáspora - RMAAD e presidenta de Vozes de Mulheres Afrodescendentes de Panamá.
peartmireya@hotmail.com

Mireya Peart Vasquez

Coordenadora da Região da América Central da Rede de mulheres Afrolatinoamericanas, Afrocaribenhas e da Diáspora - RMAAD e presidenta de Vozes de Mulheres Afrodescendentes de Panamá.
peartmireya@hotmail.com

Tania Pariona Tarqui

Quechua ayacuchana, ativista indígena, política, feminista y excongresista de la República del Perú. Miembro asociado del Consejo directivo de CHIRAPAQ, integrante del Enlace Continental de Mujeres Indígenas de las Américas.
killachallay@gmail.com

Norma Don Juan

Coordenadora Nacional de Mulheres Indígenas de México-CONAMI, Enlace Continental de Mulheres Indígenas das Américas ECMIA
yoloyotl@gmail.com

Dialys Ehrman

Assessora da União Nacional de Mulheres Kunas, Vice-coordenadora da Aliança de Mulheres Indígenas da América Central e México.
dialysnehrman@hotmail.com

María Clemencia Herrera Nemerayema

Diretora da Casa Cultural Ecológica Mulher, Tecer y Saberes (MUTESA), coordena a Escola de Formação Política para a Liderança e a Governabilidade da Organização Nacional dos Povos Indígenas da Amazônia Colombiana (OPIAC), Rede de Mulheres Indígenas sobre Biodiversidade da América Latina e o Caribe. Prêmio Bartolomé de las Casas 2019.
chnemerayema@gmail.com

Melissa Martínez

ORGANIZACIÓN FRATERNAL NEGRA HONDURENHA (OFRANEH). Coordenadora da Casa Ancestral de Medicina Natural, Ponta Gorda, Roatán, Honduras.
fresaf70@gmail.com

Dalyris Ehrman Morris

Presidenta da União Nacional de Mulheres Kunas, Nis Bundor. Representante da Nis Bundor no Congresso Kuna e integrante do Eje de a mulher e a infância. Secretária da Fundação SOS ALBINOS de Panamá.
dalyrisehrman08@gmail.com

Darianela Broce

Comunicações Internacionais e Redes Sociais da União Nacional de Mulheres Kunas, Nis Bundor.

Margarita Antonio

Antropóloga, comunicadora, gestora cultural. Integrante da Aliança de Mulheres Indígenas da América Central e México. Coordenadora do Fundo Ayni, FIMI
antoniomargarita@gmail.com

Maricela Kauffmann

Pesquisadora e gestora cultural. Ativista e militante de processos de aprendizagem em comunidades e organizações indígenas, afrodescendentes e tradicionais. Equipe Consultor CCARC, associada às Mulheres Lapta Yula.
maricela.kauffmann@gmail.com



CONTEÚDO

O encontro	3
Soando as maracas no barco, no ônibus, no avião, andando.	4
Abraços entre gigantes	5
A palavra de vida e a metodologia	5
Nossa mobilização é social, é espiritual, é política	7
Nosso trabalho e crescimento	7
Desafios e recomendações	8
Compartilhar nossa perspectiva e proposta com outras mulheres	8
Poesia do profundo (2020)	9
Nis Bunder, liderança e revezamento geracional exemplar	11

O encontro

A relação entre organizações de mulheres afrodescendentes e mulheres indígenas é visível e tem deixado sua marca ao longo da luta e defesa das identidades e os territórios. Porém, a abordagem afro-indígena é menos visível. Acreditávamos que ignorá-la ou desconhecê-la era comum nas zonas isoladas, mas de jeito nenhum! Reafirmamos que a aproximação entre mulheres indígenas e afrodescendentes exige olhares e ações antirracistas.

Nos encontramos para aprofundar em conceitos próprios e os fatos nos fizeram reformular questões e fuçar em práticas racistas, e a discriminação racial que enfrentamos diariamente em nossas sociedades. Lutamos contra a discriminação, o temos feito desde o Plano de Ação de Durban; desde então falamos sobre caminhar juntas numa plataforma mínima, com cenários que permitam sancionar, prevenir, formar desde a infância sobre a tara que representa o racismo e exercer em nossos entornos uma educação antirracista.

O racismo e a discriminação racial são a barreira que não permite seja reconhecida a diversidade cultural; não existe convencimento pleno e real de que indígenas e afrodescendentes somos capazes de tomar decisões sobre os nossos próprios destinos. Nós, mulheres indígenas e afrodescendentes, abordamos o problema do racismo e a discriminação racial reclamando o fim das violências porque defendemos nosso direito à vida e aos nossos territórios. Concordamos em que a institucionalidade, nos diferentes Estados, demoniza nossas formas de organização; somos catalogadas como grupos organizados que impedem o desenvolvimento.

Reiteramos que o racismo é um tema que impacta a gente e já se fala com propriedade de racismo ambiental. O feminismo desde suas próprias atoras começa a se questionar que a igualdade de gênero não é possível se existe racismo étnico. Numa sociedade onde as relações estão baseadas nas práticas racistas não é possível ter bem-estar e lutar contra a pobreza econômica; é preciso ficar por perto e pensar em estratégias para confrontar a multidimensionalidade do racismo desde o político.

Afirmando direitos individuais e coletivos, nos sentamos para trabalhar.

Man Ray ao ar livre, um Facebook Live desde o Peru sobre racismo, estereótipos e representação social no que se conectaram 15 mil pessoas por 5 horas.
(<https://www.youtube.com/watch?v=uX5cEsgqKvE>).

Soando as maracas no barco, no ônibus, no avião, andando.

Desde Roatan, depois de dois dias transbordando, Melissa chegou no Aeroporto Internacional de Tocumen, que com seu nome comemora o cacique kuna que originalmente povoou essas terras. Entregou ao agente do Serviço Nacional de Migração e Naturalização do Ministério de Segurança Pública, a carta convite que o Conselho de Pesquisas do Caribe Centro-americano (CCARC) estendeu à Melissa para participar no “Diálogo entre mulheres indígenas, afrodescendentes e tradicionais para refletir e precisar iniciativas que iluminem o caminho e acompanhem o andar”.

O agente leu, releu e chamou outro agente. “Desculpe, você é bruxa? Você vem para uma reunião de bruxas?”; ele perguntou sem rodeios, enquanto a levavam para uma sala onde continuaram revendo os documentos e confiscaram os dentes de alho secos que encontraram na mochila dela. A deixaram passar, com certeza “enfeitiçados” pelo sorriso e argumentos dessa mulher garifuna.

Semelhante é o caso da María Betania, secretária geral do movimento de mulheres indígenas do Conselho Indígena de Roraima (CIR). Ela fez três dias de viagem desde o Estado brasileiro de Roraima. Melissa e María Betania coincidiram num hotel, e o que ainda estava faltando para essas duas viajantes com reserva prévia, foi anunciado pelo recepcionista do hotel: “você têm que esperar três horas para receber o quarto...”.





Abraços entre gigantes

Nós propusemos um encontro para soltar a palavra, aprender entre nós, ouvir nossas vozes e afinar a voz coletiva. Depois de que a gente se abraçou, percebeu e sentiu, nos sentamos para dialogar. A oralidade cobrou vida contando as histórias e contratempos. Rimos alto e curtimos!

Todas queremos uma agenda de continuidade para seguir avançando com passos firmes em direção a mais colaboração e unidade. De jeito que, sem agenda prévia, sem mandatos, com questões e temas norteadores sobre a participação política das mulheres; sobre o recrudescimento do racismo e a discriminação; sobre a espiritualidade e a cosmovisão. Nós podemos invocar as energias, a proteção das ancestrais e das maiorias para somar forças, crescer em poder e respeito pela mãe natureza. Invocamos para não esquecer as tradições, para nutrir nossa memória coletiva desde nossas narrativas, e para recuperar a história do andar compartilhado. Nos reconhecemos como mulheres lutadoras caminhando com “a palavra de vida”, para fazer voltar a prática, o pensado, o falado; para abrir portas à reflexão na procura de pontos de articulação e ações conjuntas.

A palavra de vida e a metodologia

Clemencia nos falou de “a palavra de vida”, de como aprender a reconhecê-la e dá-lhe vida para estabelecer vínculos sólidos, conectar, construir juntas e curtir a vida com músicas, dança e poesia; é um desafio em cada um dos nossos entornos e processos.



Desde identidades culturais diversas queremos construir uma agenda comum, na que os conhecimentos e saberes façam parte da unidade do pensamento. Queremos uma agenda que posicione nossos direitos como mulheres de origem étnico diverso, mulheres afro-indígenas e interculturais. Uma agenda que reconheça a urgente necessidade de proteger nossos direitos humanos, nossos direitos coletivos aos nossos territórios, nossos conhecimentos, nosso bem-estar; que em conjunto, essa agenda possa incidir politicamente nos governos e nas instituições dos Estados e sociedades racistas nas que moramos, e que demonizam nosso ativismo.

Fizemos uma oficina para conhecer agendas, estratégias e ações e mantivemos um diálogo aportando reflexões para construir a interculturalidade no contexto dos saberes e conhecimentos de cada povo e grupo étnico. Sobre o que pensamos, sentimos e propomos, fizemos uma abordagem com os seguintes tópicos:

- ☐☐ Poder e Empoderamento, **Mireya.**
- ☐☐ Espiritualidade e Discriminação, **Melisa e Dalyris.**
- ☐☐ Alianças e Espiritualidade, **Norma e Paola.**
- ☐☐ Espiritualidade e Formação, **Clemencia.**
- ☐☐ Espiritualidade e Liderança, **María Betania.**
- ☐☐ Governança, **Dialys.**
- ☐☐ Afros indígenas, **Margarita.**



Com a força da unidade e a sabedoria do andar e tecer que recebemos das maiorias, temos duas ferramentas com as que exigimos respeito para nossas identidades e direitos. Propomos limpamos dos preconceitos e estereótipos; faremos uma revisão para garantir que nossas estratégias sejam consequentes com nossos afazeres e os das gerações que nos acompanham. Somos organizações de mulheres indígenas e afrodescendentes fortalecidas organizacional e institucionalmente diante da discriminação, do racismo e na luta pela equidade.



Dimos entrevistas sobre estos temas al programa “Construyendo Opiniones” del periodista Danilo Iglesias en Radio Mia.
<https://www.facebook.com/MIARA DIOMEDIA/>

Nossa mobilização é social, é espiritual, é política.

Concordamos que nas práticas da interculturalidade, convergem a espiritualidade, a cosmovisão e os saberes ancestrais fazem parte das nossas identidades, facilitam a resiliência e permitem manter o diálogo com a natureza. Sobre isto, apontamos algumas reflexões:

☞☞ A espiritualidade pensada desde a lei de origem de nossos povos indígenas e afrodescendentes é o fio que liga com a lei da vida e a sobrevivência.

A espiritualidade é central no contexto das violências e dos longos períodos de conflitos que vivenciamos, e por isso deve ter uma abordagem holística.

A espiritualidade é um mecanismo de resistência para os povos e as famílias cujas vidas têm sido fraturadas, por isso devemos considerar que a espiritualidade é também território em disputa no devir atual.

☞☞ Tania enfatizou que a espiritualidade é um mecanismo de resistência para sobreviver como povos e culturas. Apontou que a atenção às vítimas de violências e a sanção são importantes porque os Estados não se ocupam das vítimas. E a vítima precisa sarar. O ECMIA tem abordado a violência desde a dimensão histórica para incidir nas políticas públicas.

☞☞ A cosmovisão é um modo de ver o mundo, este mundo nosso no que tudo têm significado. Na vida cotidiana, na gestão, no uso e no controle que temos sobre a natureza, giramos ao redor da cosmovisão. A cosmovisão do mundo que conhecemos é entendida em contracorrente. Por exemplo, nos opomos à extração irracional dos recursos naturais; nos opomos à mineração que polui e esgota a água; defendemos a água que é vida e as políticas certas para combater a mudança climática.

As práticas ancestrais e a resiliência são o legado cultural para a sobrevivência das gerações. O COVID-19 ensinou a valorização da natureza, voltar à medicina tradicional. As transnacionais não têm parado de trabalhar e aumentar os lucros nos tempos de crise e pandemia. Somos nós, nossos povos, nossos países os que têm sofrido. Desde o intercultural, negros, indígenas, migrantes, têm sido altamente afetados pela falta de oportunidades o incremento da precariedade e ausência de serviços.

Nosso trabalho e crescimento

Para conseguir mobilizar as nossas redes, num contexto de alta complexidade e crise dos nossos países, devemos abordar tópicos nos diversos aspectos sociais, culturais e de sobrevivência que são cruciais para garantir o respeito à interculturalidade, diversidade, pluralidade e igualdade de direitos.

Desafios e recomendações

- Empoderar economicamente as mulheres indígenas e afrodescendentes;
- Resgatar e sistematizar os conhecimentos e sabedorias que guarda a espiritualidade;
- Fomentar a formação de redes para salvaguardar os conhecimentos e garantir o reconhecimento da propriedade intelectual;
- Impulsar as práticas do cultivo de alimentos tradicionais, com absoluto respeito pela mãe terra, para lograr a soberania alimentar;
- Fortalecer as organizações e as mulheres lideranças na defesa dos direitos das mulheres;
- Apoiar as bases nas comunidades na geração de espaços para resgatar e exercer a medicina tradicional; a pandemia ainda está latente, por causa do colapso ou ausência dos serviços de saúde em nossos territórios. Continuaremos enfrentando-a apesar da falta das vacinas;
- Educar e formar lideranças para nossos territórios;
- Refletir sobre o racismo e discriminação em nossas organizações e abordá-los com as juventudes;
- Promover uma aliança afro indígena nos diferentes territórios para fortalecer os temas da diversidade.

Compartilhar nossa perspectiva e proposta com outras mulheres

- Falar do racismo em todos os espaços, inclusive nos do feminismo, que trabalha as mesmas agendas nossas, mas não fala do tema.
- Impulsar o trabalho articulado, desde casa organização, para fortalecer as capacidades de incidência para a defesa de nossos territórios e nossas vidas.
- Unir esforços numa agenda antirracista, com a participação de jovens na sua construção e na tomada de decisões.
- Formar o revezamento geracional com orientação, sentido de pertença e segurança; com diferentes estratégias, conhecimentos, pedagogias próprias e tradicionais.
- Destinar ações, orçamento e acompanhamento para a infância e a juventude no uso das TICs e rádios comunitárias.
- Construir propostas para a educação antirracista abordando a dimensão afro indígena porque existe desconhecimento da história apesar de compartilhar causas comuns.
- Abordar a discriminação, desde o conhecimento e a reflexão, nas plataformas digitais e afro indígenas.
- Voltar ao prático, o pensado e o falado.

Poesia do profundo (2020)

Mireya Peart Vázquez tem sido uma tecedora constante no telar da agenda de gênero, e para a inclusão de políticas por parte dos governos em favor da eliminação do racismo e o sexismo. É economista e poeta, é sinônimo de poder

Poesia do profundo
No meio da pandemia
Autora: Mireya Peart
04 de maio de 2020

Me pediram ficar em casa
Com a família, pela vida
Me ordenaram não sair
porque o mal andava lá fora
E teve que fazer-lhe a guerra

Me pediram ficar em casa
E ali me asilei preocupada, temerosa
olhando paredes e maltratado teto
de meu pequeno lar improvisado
onde pouco chega o sol.

Me pediram ficar em casa
Também a empresa me demitiu.
O alimento acabou, a água não chegou.
E minha descendência com caras tristes, olhos profundos.
Olho lá fora, a promessa não assoma

Me pediram ficar em casa
para nos cuidar do vírus, o entendi
Passam os dias, não tenho água, sabão nem pão
a esperança está exausta, moribunda
Minha família sobrevive em resistência sem fim

Me pediram ficar em casa
a ajuda prometida ainda não chega
não há força, a resistência acaba
Minha descendência triste com fome chora
alimentando da minha dor a ira.

Não me culpe se por eles saio
Contra o vento e a pandemia
Também construí a partir de pedaços
Máscaras de esperança
para trocá-las pelo sustento da minha casa

Me pediram ficar em casa
Necessário e verdadeiro
Acontece que tenho um dilema
Se eu saio, pode ser que morra
Se não, é seguro que meus filhos perca.



Nis Bunder, liderança e revezamento geracional exemplar

Em 2021, Nis Bundur comemorou 30 anos de esforços formando mulheres lideranças e vigiando pelos direitos das mulheres indígenas. Para a juventude kuna a organização tem sido um meio para a mudança. Dalyris Ehrman, resolvida e desembrulhada, é a presidenta da União Nacional de Mulheres Kunas (Nis Bundor) e Darianela Broce, é responsável da Comunicação Internacional; essas duas jovens estão de pé no presente construindo o futuro, fazem brilhar a esperança, são atoras mediáticas com narrativa própria. Darianela contou “comecei participar na organização e a percorrer as comarcas kunas aos 14 anos, foi assim que eu fui aprendendo. Acompanhava minha mãe aos congressos, marchas, eventos de povos indígenas e de mulheres indígenas, foi assim que a minha formação começou”.

Estas “Filhas das Estrelas” são filha, netas, bisnetas da Mu Elida e de Estanislao López, cacique e liderança dos sete povos indígenas. A Mu (vovó) Elida participou na revolução kuna de 1925. Durante a resistência contra a invasão do governo a atacaram e arrancaram o olasu, a argola que usam no nariz.

A liderança pioneira é Dayalis Ehrman, advogada e primeira mulher indígena em ocupar um cargo público nacional no Panamá. Participou na primeira reunião de mulheres indígenas que foi realizada em Pequim e é parte da Associação de Mulheres Indígenas de Centro América e México (AMICAM). Plataforma de organização regional e nacional que orienta sua ação desde a cosmovisão indígena para impulsionar uma agenda programática que permita visibilizar, coordenar, e realizar atividades de gestão orientadas à formação duma massa crítica de mulheres indígenas com capacidade de incidência para o empoderamento, participação política e reconhecimento dos direitos de povos e mulheres indígenas.

(<http://alianzami.org>)



As irmãs kuna nos convidaram para visitar o território delas e fomos. Atravessamos a montanha, uma estrada estreita e sinuosa, e descemos até chegar ao Porto Dibin. Embarcamos para Anmardub, um empreendimento turístico do Congresso Kuna gerenciado por comunitários. Então fomos almoçar para Miryadub, outra das ilhas. Um passeio espetacular para curtir do Caribe panamenho, as praias de areias brancas e as águas cristalinas. Kuna Yala está se afundando no mar, o aumento do nível do mar, explicaram-nos, faz desaparecer o arquipélago.



CCARC
CARIBBEAN CENTRAL AMERICAN RESEARCH COUNCIL



**FORD
FOUNDATION**

WWW.ENTREPOVOS.ORG